

*“...a escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação, da sociedade, do mundo, de si mesmos...”*

*Paulo Freire*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria através deste projeto final agradecer a algumas pessoas que contribuíram para a elaboração deste projeto, bem como para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos orientadores Professores Doutores Emília Martins e Francisco Mendes, que foram excelentes, ajudando-me em tudo o que lhes possível, pelas suas orientações, apoio, disponibilidade e profissionalismo.

Ao Professor Jorge Correia, meu padrinho, pela ajuda na passagem dos questionários e pelo apoio prestado.

Ao Diretor da escola de Castelo Branco pela abertura da escola secundária à passagem de questionários; sem isso este projeto não seria possível.

Aos jovens e professores que colaboraram, pela disponibilidade em disponibilizarem um pouco do seu tempo para responderem.

Aos meus amigos mais chegados, principalmente a Telma, que sempre estiveram presentes nos momentos de mais pressão e desânimo, levantando a moral quando era preciso.

Aos restantes colegas de curso que, de uma maneira ou de outra, ajudaram neste percurso.

E por fim, aos meus pais e irmão, restante família e ao meu namorado, que me “aturaram” todos os dias e me ajudaram, de uma forma ou de outra, a continuar o meu percurso de formação.

A todos um muito obrigada do fundo do coração, por estarem presentes na minha vida e fazerem de mim uma pessoa mais feliz, contribuindo todos os dias para mudar mais um pouco este mundo que é nosso.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1. CONCEPTUALIZAÇÃO DA DELINQUÊNCIA JUVENIL.....	3
1.1. Fatores de Risco e Fatores de Proteção.....	5
1.1.2. Fatores de Risco.....	5
1.1.3. Fatores de Proteção.....	7
2. O PAPEL PARTICULAR DA ESCOLA ENQUANTO ESTRUTURA DE SOCIALIZAÇÃO .....	8
CAPÍTULO II – PLANO DE INVESTIGAÇÃO.....	10
1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	10
1.1. Formulação do Problema.....	10
1.2. Formulação das Hipóteses/ Objetivos .....	10
2. METODOLOGIA.....	11
2.1. Definição e operacionalização das Variáveis .....	11
2.1.1. Variáveis Independentes.....	11
2.1.2. Variáveis Dependentes .....	12
2.2. População e Amostra.....	12
2.2.1. ASDR – Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada.....	15
2.2.2. Escala de avaliação da delinquência juvenil percebida por professores.....	15
2.3. Procedimento.....	16
2.4. Técnicas Estatísticas e Grau de Confiança .....	16
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	16
3.1. Análise Descritiva dos resultados dos docentes .....	16
3.1.1. Subescala de Roubo ou Furto.....	16
3.1.2. Subescala de Crimes Rodoviários.....	18
3.1.3. Subescala de Crimes Relacionados com Drogas e Álcool.....	20
3.1.4. Subescala de Agressão.....	22
3.1.5. Subescala de Vandalismo.....	24
3.1.6. Subescala de Crimes em Contexto Escolar.....	26
3.1.7. Subescala Perturbação da Ordem Pública .....	28
3.2. Análise Inferencial .....	30
3.2.1. Delinquência juvenil auto-relatada em função do Género .....	30

3.2.2.	Delinquência Juvenil percebida em função do Género .....	31
3.2.3.	Delinquência Juvenil auto-relatada em função da escolaridade.....	32
3.2.4.	Delinquência Juvenil auto-relatada em função do Meio .....	33
3.2.5.	Delinquência Juvenil Percebida em função do Grupo Disciplinar.....	34
3.2.6.	Delinquência Juvenil auto-relatada em função da Idade .....	35
3.2.7.	Delinquência Juvenil percebida em função da idade .....	37
3.2.8.	Delinquência Juvenil percebida em função da Experiência Profissional.....	38
CONCLUSÃO .....		40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		42
ANEXOS.....		46
Anexo A – Escala de Delinquência Juvenil Auto-Relatada para Adolescentes .....		47
Anexo B – Escala de avaliação da delinquência juvenil percebida por professores.....		49
Anexo C – Email trocado com o autor para pedido de autorização do instrumento .		51
Anexo C – Cronograma.....		52

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Caracterização sociodemográfica dos Adolescentes.....	13
Tabela 2 Características Sociodemográficas dos Professores .....	14
Tabela 3 Estatística Descritiva da Subescala de Roubo ou Furto Professores	17
Tabela 4 Estatística Descritiva da Subescala de Roubo ou Furto Alunos.....	18
Tabela 5 Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Rodoviários Professores .....	19
Tabela 6 Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Rodoviários Alunos .	20
Tabela 7 Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Relacionados com Drogas e Álcool Professores.....	21
Tabela 8 Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Relacionados com Droga e Álcool Alunos.....	22
Tabela 9 Estatística Descritiva da Subescala de Agressão Professores .....	23
Tabela 10 Estatística Descritiva da Subescala de Agressão Alunos .....	24
Tabela 11 Estatística Descritiva da Subescala de Vandalismo Professores.....	25
Tabela 12 Estatística Descritiva da Subescala de Vandalismo Alunos.....	26
Tabela 13 Estatística Descritiva da Subescala de Crimes em Contexto Escolar Professores.....	27
Tabela 14 Estatística Descritiva da Subescala de Crimes em Contexto Escolar Alunos .....	28
Tabela 15 Estatística Descritiva da Subescala de Perturbação da ordem Pública Professores.....	29
Tabela 16 Estatística Descritiva da Subescala de Perturbação da Ordem Pública Alunos .....	30
Tabela 17 Delinquência Juvenil Auto-Relatada em Função do Género (Teste de Mann-Whitney).....	31
Tabela 18 Delinquência Juvenil Percecionada em Função do Género (Test-T) .....	32
Tabela 19 Delinquência Juvenil Percecionada em função o género (Teste de Mann-Whitney).....	32
Tabela 20 Delinquência Juvenil Auto-Relatada em função da escolaridade (Teste de Kruskall-Wallis) .....	33

Tabela 21 Delinquência Juvenil auto-relatada em Função do Meio (Teste de Mann-Whitney).....	34
Tabela 22 Delinquência Juvenil Percecionada em função do grupo disciplinar (Teste-T) .....	35
Tabela 23 Delinquência Juvenil Percecionada em Função do Grupo Disciplinar (Teste de Mann-Whitney).....	35
Tabela 24 Correlação entre Delinquência Juvenil auto-relatada e idade (Rho de Spearman) .....	36
Tabela 25 Correlação entre delinquência juvenil percecionada e a idade .....	37
Tabela 26 Correlação entre delinquência juvenil percecionada e a idade .....	38
Tabela 27 Delinquência Juvenil Percecionada em função da experiência profissional.....	39
Tabela 28 Delinquência Juvenil Percecionada em função da experiência profissional (Teste de Mann-Whitney).....	39

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

A – Agressão

ASDR – Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada

CCE – Crimes em Contexto Escolar

CR – Crimes Rodoviários

CRDA – Crimes Relacionados com Drogas ou Álcool

POP – Perturbação da Ordem Pública

RF – Roubo ou Furto

V – Vandalismo

## RESUMO

A problemática em estudo, delinquência juvenil, trata-se de um conceito complexo e ambíguo que emerge na adolescência, sendo o meio crucial para a sua evolução negativa ou positiva. Com isto, a escola revela-se um fator de proteção ou risco, tornando os docentes agentes dessa mudança. O estudo apresentado procura compreender a percepção que 28 docentes e 116 jovens têm desta temática, atendendo a variáveis sociodemográficas, profissionais e académicas. Entre os alunos, 59,3% são do género feminino, 75,6% de meio rural e um intervalo de idades dos 14 aos 20 anos. Nos professores, 64,3% são femininos, 96,4% provenientes de meio urbano e um intervalo de idades dos 38 aos 64 anos, com 53,6% a pertencerem ao departamento de ciências e 82,1% a lecionar no secundário. Para a análise dos dados utilizou-se o programa informático SPSS para o Windows, versão 23. Os resultados em relação à delinquência juvenil auto-relatada indicaram a existência de diferenças em função do género, do meio e dos diferentes níveis de escolaridade. Em relação à delinquência juvenil percebida pelos professores, apenas se verificaram diferenças em função da experiência profissional. Delinquência juvenil auto-relatada e percebida correlacionam-se significativamente e de forma positiva com a idade.

**Palavras Chave:** Delinquência Juvenil, Fatores de Risco, Fatores de Proteção, Adolescentes, Professores.

## ABSTRACT

The issue under evaluation, juvenile delinquency, is a complex and ambiguous concept that emerges in adolescence, making their environment the crucial means for their negative or positive development. With this, school proves to be a protective or risk factor, appointing teacher's agents of change. The present study seeks to understand the perception that 28 teachers and 116 young people have about this issue, considering socio-demographic, professional and academic variables. The sample collected primarily consist in; students, females (59.3%), rural (75.6%) and with a range of ages from 14 to 20 years old. Teachers, females (64.3%), urban areas (96.4%), science department (53.6%) and secondary education taught cycle (82.1%), with the age range 38 after 64 years. For data analysis, we used the SPSS software for Windows, version 23. The results regarding self-reported juvenile delinquency indicated that there were differences in gender, environment and in different levels of schooling. In relation to juvenile delinquency perceived by teacher's differences were verified per professional experience. In correlations, self-reported and perceived juvenile delinquency correlates significantly and in a positive way with age.

**Keywords:** Juvenile Delinquency, Risk Factors, Protective Factors, Teenager, Teacher

## INTRODUÇÃO

A delinquência juvenil é considerada pela literatura uma das áreas de maior preocupação política e social dos últimos anos (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009). O fenómeno da delinquência juvenil é uma problemática que se encontra em constante desenvolvimento, tornando-se especialmente alarmante durante a fase da adolescência. Por este motivo, afigura-se pertinente estudar a delinquência juvenil no seu todo, olhando o seu conceito, os seus fatores de risco e de proteção, bem como a o papel da escola neste fenómeno.

A literatura revela ligações entre a delinquência juvenil e a escola, sendo esta última considerada um fator de risco, mas também defende que esta se pode tornar um fator protetor - “grupos de pares não delinquentes e a envolvimento na escola, são fatores que afastam o adolescente da conduta delinvente” (Pais, 2012, cit. por Carvalho 2014, p.10). Neste contexto, foi eleita uma temática para o desenvolvimento do projeto final do mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, tendo por objetivo geral o estudo da delinquência juvenil auto-relatada pelos jovens e percebida pelos professores, bem como o modo como poderá ser influenciada por diversos fatores.

Este projeto encontra-se dividido em duas partes. A primeira é de natureza teórica, onde consta toda a revisão da literatura inerente a este projeto, e inicia-se com uma breve abordagem ao conceito de delinquência juvenil, com referência à adolescência, alterações que lhe são inerentes e a sua relação com a delinquência. Por fim, explica-se o conceito, sendo de seguida abordados os fatores de risco e protetores da delinquência juvenil, assim como alguns contextos de risco, mas que também podem ser protetores, como sejam o individual, o familiar, o escolar e o meio ou comunidade envolvente. É ainda realizada uma breve abordagem particular à escola, enquanto estrutura de socialização do adolescente por excelência.

Numa segunda parte, apresenta-se o trabalho prático, com referência ao plano de investigação, desde a apresentação do estudo à formulação do problema e hipóteses, passando pela definição e operacionalização das variáveis, caracterização dos participantes e apresentação dos instrumentos. Por fim, são apresentados e discutidos

os resultados à luz do enquadramento teórico, culminando nas principais conclusões, a par da referência às limitações do estudo e de pistas para o futuro.

## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. CONCETUALIZAÇÃO DA DELINQUÊNCIA JUVENIL**

A adolescência é um período onde ocorrem sentimentos de experimentação e incerteza, onde é posta à prova a ansiedade e sofrida humilhação, bem como alterações de humor e rápidas mudanças biológicas. Durante estas mudanças, a personalidade do adolescente ainda está a ser moldada, sendo vulnerável perante diversos fatores externos (Siegel & Welsh, 2008). As alterações surgem a nível físico, afetivo, social, familiar e psicológico (Born, 2005, cit. por Neves, 2013) e poderão despoletar conflitos no adolescente, nomeadamente, comportamentos de oposição face às figuras de autoridade, podendo englobar condutas antissociais (Martinho, 2010, cit. por Neves, 2013). Devido a estes comportamentos não normativos e problemas com a autoridade, surgem as preocupações com a delinquência juvenil.

Segundo Benavente (2002), a relação entre transgressão e adolescência é uma ligação perfeitamente natural, onde a primeira é essencial ao desenvolvimento, tanto no crescimento físico como para adquirir novas formas de se socializar.

Silva e Hutz (2002) referem que diferentes autores utilizam o conceito de delinquência juvenil, de forma muito distinta, designadamente delinquência juvenil, distúrbio de conduta, distúrbio de comportamento, comportamento antissocial, criminalidade juvenil e problema de comportamento. A delinquência juvenil é um conceito que abrange uma variedade de comportamentos, realizados por crianças ou adolescentes, considerados ilícitos pelo sistema judicial, aos quais serão aplicados diferentes tipos de sanções (Campos, 1990). Segundo o autor, esta definição subentende que um comportamento apenas é considerado delinquente quando o praticante é alvo de intervenção judicial e punido, podendo tais comportamentos discernir-se na gravidade e/ou frequência. É um conceito que reúne um grupo de adolescentes sem ligação entre si, não apenas pelas suas personalidades, mas também pelos atos praticados, como ainda pelas causas e razões que levam o jovem a enveredar pelos caminhos da delinquência juvenil.

Ferreira (1997) entende a delinquência juvenil como a prática de qualquer infração criminal durante o período da adolescência. Para Moffit (1993), é um fenómeno que poderá ocorrer em diversas fases da vida do ser humano, mas revela-se com maior intensidade durante a infância e adolescência. Negreiros (2008) define a delinquência juvenil como um comportamento antissocial e de oposição que pode incluir roubo,

violência física, crueldade e fugas, estando o indivíduo em constante conflito com o outro, apontando o início entre os 14-15 anos de idade, com o pico dos comportamentos antissociais aos 17-18 anos. São, pois, comportamentos que perduram ao longo do tempo, ou seja, da infância para a adolescência e da adolescência para a idade adulta, podendo intervir de forma negativa na vida do jovem. São atos que diferem do desenvolvimento dito normal do adolescente, podendo ser classificados pela via legal, onde delinquente é alguém que praticou um ato e recebeu punição jurídica (Negreiros, 2008).

Para Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009), a delinquência juvenil em Portugal revela-se como uma das áreas que requer maior aprofundamento de estudo a nível político e social. Assim, nos termos da Lei Tutelar Educativa, Lei nº 169/99, de 14 de setembro, que obrigou, em termos judiciais, a repensar a forma de intervenção em relação à delinquência juvenil, pela punição legal que implica, “A prática, por menor com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, de facto qualificado pela lei como crime dá lugar à aplicação de medida tutelar educativa em conformidade com as disposições da presente lei” (art.º 1º).

Mitchell e Dodder (1983, cit. por Campos, 1990) classificaram os atos delinquentes em três categorias: a delinquência menor, a delinquência de predação e a delinquência agressiva. A delinquência menor referencia os comportamentos ilegais realizados pelo adolescente, tendo em conta a idade e enquadra-se em condução de veículos sem carta, vadiagem, fugas e uso de álcool. A delinquência de predação cinge-se a comportamentos de “gravidade média” que têm como exemplo vandalismo e roubo. Por fim, a delinquência agressiva está inerente a comportamentos de maior gravidade, como homicídio, rapto ou violação, que por si implicam utilização de força física.

Fernandes e Gonçalves (2007) afirmam que estes comportamentos não surgem inesperadamente, ou seja, quando é cometido o primeiro ato ilegal. Contrariamente, é o “rebentar” de diversos anos de socialização inadequada que tem início na infância. Segundo estes autores, o comportamento antissocial, que atualmente e segundo a literatura específica da área serve para classificar os comportamentos delinquentes, manifesta-se estável ao longo do tempo. Porém, nem todos os indivíduos com comportamentos antissociais se tornam delinquentes (nem para todos os jovens o comportamento se converte em crime), mas todos os delinquentes numa fase mais precoce apresentam comportamentos antissociais. Pode-se então compreender a delinquência juvenil, ou a criminalidade em geral, como a procura de solução no

passado e vivência de conflitos, frustrações e privações na infância e adolescência (Sá, 2001).

Benavente (2002) defende que os atos ilegais cometidos pelos adolescentes poderão aparecer como formas de estruturar a desorganização interior, muitas vezes sentida com medo. Ora esta desorganização pode incidir em objetos externos, objetos esses representados pelos pais, professores, polícias ou outras formas que revelem o exercício de autoridade. Silva e Hutz (2002) apresentam a delinquência juvenil com uma forte ligação a diversas experiências negativas ocorridas na infância, podendo perdurar nesta fase. Estas experiências podem ser variadas, mas existe um fator semelhante: a agressão e ou qualquer tipo de violência que intervém nos cuidados e relações interpessoais significativas do adolescente.

Vários estudos comprovaram que a delinquência juvenil é uma conduta que se expressa de diversas formas com caminhos igualmente diversos, afastando-se assim a ideia de que a delinquência juvenil é um comportamento que não sofre qualquer alteração (Matos et al., 2009).

### **1.1. Fatores de Risco e Fatores de Proteção**

A delinquência juvenil não é apenas derivada do comportamento natural do adolescente, mas também por diversos fatores envolventes que ajudam o jovem a enveredar por esse caminho. Ou seja, o adolescente é manipulado pelos variados sistemas à sua volta que poderão ou não fomentar alguns comportamentos (Fernandes & Gonçalves, 2007). Segundo Silva e Hutz (2002), o padrão de comportamento referente à delinquência juvenil pode estar presente em diferentes circunstâncias da vida do adolescente, como a casa, a escola e a comunidade.

#### *1.1.2. Fatores de Risco*

Esses fatores podem ser então divididos em fatores individuais, familiares, escolares e sociais. Os fatores individuais consistem em atributos biológicos, comportamentos e características cognitivas do adolescente, como por exemplo baixa autoestima, pouca tolerância à frustração, apatia e explosões temperamentais (Silva & Hutz, 2002).

São tidos em conta, também, aspetos como sejam ter uma vida com muito stress, índice maior de depressão e ansiedade, baixo autoconceito (Matos et. al., 2009),

imaturidade emocional, baixo autocontrole, agressividade, impulsividade e comportamentos desviantes com início na infância, consumo de substâncias ilícitas (Lemos, 2007), hiperatividade, baixo controle comportamental, dificuldades de atenção e baixa inteligência (Farrington, 2002), procura de sensações e ainda complicações no parto (Silva, 2010).

Nos fatores de risco familiares podem encontrar-se pobreza, devido aos resultados negativos diretos ou indiretos exercidos sobre a família e sobre a vizinhança do adolescente (Silva & Hutz, 2002), baixa coesão familiar (Matos et. al., 2009), baixa supervisão parental, antecedentes criminais familiares, estilos educativos parentais excessivos, problemas familiares incluindo a violência doméstica e uso de substâncias ilícitas (Lemos, 2007), baixo nível socioeconómico familiar e défice nas relações familiares (Ferreira, 1997).

Farrington (2002) refere historial familiar de comportamentos antissociais ou criminais, baixas expectativas parentais, conflitos familiares, nível socioeconómico deficitário, figura paterna violenta, agregado familiar desfeito, famílias numerosas e mais uma vez uso de substâncias ilícitas. São ainda referidas as expectativas negativas parentais para com o adolescente e práticas parentais excessivas ou negligentes (Silva, 2010).

Para Silva e Hutz (2002), o adolescente delinquente tende a apresentar dificuldade na escola, ou seja, apresenta baixa realização escolar, nem sempre existindo preparação por parte dos professores para lidar com estes alunos, levando, por vezes, à sua exclusão. A falta de investimento escolar e o insucesso escolar também são vistos como fatores de risco por Lemos (2007) e, segundo Ferreira (1997), os alunos podem sentir-se desajustados do meio escolar, levando à não participação nas atividades escolares, indicando também que um dos fatores de risco do meio escolar é o baixo desempenho dos alunos. Igualmente para Pral (2007), a difícil adaptação ao meio escolar, o défice na aprendizagem, o rendimento escolar frágil, o absentismo e os problemas disciplinares são potenciadores do comportamento delinquente.

Silva e Hutz (2002), bem como Lemos (2007) e Farrington (2002) indicam que o adolescente ao incorrer em comportamentos antissociais tem tendência a criar laços de amizade com indivíduos que tenham a mesma tendência para este tipo de comportamentos. Para além disso, Loeber, Farrington e Petechuk (2003) referem que a rejeição do grupo de pares pode levar o adolescente a caminhar para a delinquência. Farrington (2002) ainda acrescenta como fatores sociais de risco, a residência em centros urbanos e bairros de alta criminalidade, bem como a ocorrência de atos que

encaminhem o indivíduo a agir de forma violenta (como por exemplo a escalada originada por uma discussão comum). Na comunidade ou meio de residência do adolescente, podem subsistir atributos socioculturais que fomentem os comportamentos antissociais e exclusão social: particularidades como desordem no meio sociocomunitário e exibição de comportamentos desadequados, por parte de indivíduos que surjam como modelos para os adolescentes (Pral, 2007).

### *1.1.3. Fatores de Proteção*

Fator de proteção é qualquer circunstância que promova a oposição perante os fatores de risco, que pode preveni-los, diminuí-los ou evitá-los (Newcomb & Felix – Ortez, 1992, cit. por Gomes, 2013). Os fatores de proteção também se podem dividir nas categorias acima utilizadas para descrever os fatores de risco (individuais, familiares, escolares e sociais).

Quanto aos fatores individuais, a literatura destaca a pertença ao género feminino; a aquisição de um comportamento pró-social, como por exemplo a empatia e a boa performance cognitiva, a utilização de uma linguagem apropriada e o bom desempenho a nível académico (Wasserman et al., 2002). Também Gomes (2013) se refere a competências relacionais e sociais positivas, a atividade intelectual elevada, ao carácter resiliente e a outras características inerentes ao jovem.

Como fatores de proteção familiares, Ferreira (1997) indica a supervisão familiar, a identificação com os progenitores, a comunicação fluida e íntima entre a família, laços familiares fortalecidos, desaprovação parental perante os comportamentos delinquentes e modificação do exercício de educação utilizado pelos pais (Benavente, 2002). Gomes (2013) refere, também, a criação de uma ligação forte com os progenitores, valorizando a obtenção de sentimentos de afetividade.

Quanto aos fatores escolares, são apontadas as atitudes positivas em relação à escola e professores, participação em atividades escolares, o tempo dedicado aos trabalhos de casa e a perceção da relevância do currículo (Ferreira, 1997). Para Pral (2007), o adolescente ser exposto a oportunidades de aprendizagem estimulantes e gratificantes, ter figuras educativas significantes e ocupar de forma estruturada os tempos livres podem funcionar como inibidores da delinquência juvenil. Um dos fatores de proteção indicados por Loeber et al. (2003) é o desencorajamento do comportamento antissocial, por parte dos professores, bem como as ligações positivas com a escola, que podem reduzir a adoção por comportamentos delinquentes. Para Clinkinbeard

(2014), a orientação para o futuro pode funcionar como fator inibidor da delinquência juvenil. Gomes (2013) salienta que é necessária uma participação por parte dos jovens que favoreça a socialização, elegendo atividades extracurriculares que envolvam os seus meios de socialização principais, como por exemplo, a família, a escola e os pares.

Entre os fatores de proteção comunitários ou do meio envolvente, destacam-se relações próximas com os vizinhos, índice de criminalidade baixo na comunidade envolvente (Carrilho, 2000, cit. por Cunha, 2014) e intolerância por parte do meio envolvente perante os comportamentos antissociais (Gomes, 2013).

## **2. O PAPEL PARTICULAR DA ESCOLA ENQUANTO ESTRUTURA DE SOCIALIZAÇÃO**

A escola, como instituição, consiste num lugar de transmissão de cultura (Teixeira, 2008). Nela são trocadas experiências e passa-se grande parte do tempo e, por isso, é crucial que os jovens se sintam incluídos (Saraiva, 2002). Esta integração acaba por fazer parte dos objetivos delineados para o sistema educativo português, com a realização de uma escola inclusiva para todos (Carvalho, 2010).

Ao longo dos anos, o sistema educativo foi alargando o tempo passado pelos adolescentes na escola, acabando por evidenciar o seu importante papel como espaço de diferentes desafios sociais nestas idades. Entre estes desafios contam-se o contacto com grupos culturais, sociais, étnicos, religiosos e de género, diferenciados, podendo levar os jovens a uma “necessidade de afirmação pessoal e social” (Carvalho, 2010, p.278).

A escola consiste num ótimo espaço para o adolescente estabelecer as suas relações sociais, ajudando a promover modelos adultos de referência, auxiliando a assimilar normas e valores, a partir da exposição a regras e limites (Pral, 2007). Acresce que a escola ajuda o jovem a desenvolver competências pessoais e sociais, inculcandolhe, de forma progressiva, o sentido de responsabilidade (Pral, 2007).

Segundo Silva e Salles (2010) é na escola que está concentrada a origem do saber, pois esta ainda é o “lugar onde se aprende a aprender” (p.25). A escola e a família são os pilares da socialização do jovem, passando o poder sobre a socialização da família para a escola, onde é exercida uma socialização secundária, tornando-se o adolescente vulnerável perante a influência das relações estabelecidas com os outros (Ferreira, 2013). O professor assume um papel preponderante de influência no jovem, funcionando como uma força impulsionadora e dinamizadora (Saraiva, 2002).

Em suma, às escolas é reservado um papel fulcral na detecção de situações de risco (Carvalho, 2010), bem como na intervenção, atuando de forma preventiva pelo envolvimento do jovem em atividades que inibam o início do caminho da delinquência (Carvalho, 2014).

## **CAPÍTULO II – PLANO DE INVESTIGAÇÃO**

### **1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO**

A delinquência juvenil é considerada pela literatura uma das áreas de maior preocupação política e social que surgiu nos últimos anos (Matos et. al., 2009).

Para alguns autores, a ligação entre adolescência e o ato de transgredir pode ser considerada quase obrigatória (Benavente, 2002). Estudos sobre esta temática demonstram a ideia de que esta funciona como uma consequência da desvinculação do jovem com as instituições, como a família e a escola, que representam as normas sociais (Zappe & Dias, 2010).

De forma mais específica, em Portugal, a violência na escola transformou-se num fenómeno de grandes dimensões, devido ao seu impacto negativo tanto nos jovens como no ambiente escolar, consistindo assim numa preocupação para pais, professores e sociedade em geral (Velez, 2010, cit. por Carvalho, 2014).

Tendo em conta a revisão da literatura nesta área e o contexto em que foi elaborado este estudo, surge como objetivo principal o estudo da delinquência juvenil auto-relatada pelos jovens e percecionada pelos professores e como esta poderá ser influenciada por diversos fatores.

#### **1.1. *Formulação do Problema***

Definiu-se como problema:

em que medida a perceção da delinquência juvenil é influenciada por variáveis profissionais e sociodemográficas dos professores e, o seu autorrelato, por variáveis sociodemográficas e académicas dos alunos.

#### **1.2. *Formulação das Hipóteses/ Objetivos***

Tendo em conta o problema enunciado bem como a revisão da literatura, formularam-se as seguintes hipóteses/objetivos:

Hipótese<sub>01</sub>: Não existem diferenças significativas na delinquência juvenil auto-relatada em função do género;

Hipótese<sub>02</sub>: Não existem diferenças significativas na delinquência juvenil percecionada pelos professores em função do género;

Hipótese<sub>03</sub>: Não existem diferenças significativas na delinquência juvenil auto-relatada em função do ano de escolaridade;

Hipótese<sub>04</sub>: Não existem diferenças significativas na delinquência juvenil auto-relatada em função do meio;

Hipótese<sub>05</sub>: Não existem diferenças significativas na delinquência juvenil percebida pelos professores em função dos grupos disciplinares de docência de letras e ciências;

Hipótese<sub>06</sub>: Não existem correlações significativas entre a delinquência juvenil auto-relatada e a idade;

Hipótese<sub>07</sub>: Não existem correlações significativas entre a delinquência juvenil percebida pelos professores e a sua idade

Hipótese<sub>08</sub>: Não existe uma correlação significativa entre a delinquência juvenil percebida e os anos de experiência profissional.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Definição e operacionalização das Variáveis**

As variáveis são eventos, situações, comportamentos ou características individuais que podem assumir dois ou mais valores discriminantes (Rauen, 2012).

Estas podem ser independentes e dependentes, as primeiras consideram-se variáveis que causam um determinado efeito, as segundas são variáveis que surgem como efeito de uma causa (Rauen, 2012).

#### *2.1.1. Variáveis Independentes*

Em relação aos alunos considerámos as seguintes variáveis independentes:

Género: operacionalizado por feminino e masculino;

Idade: considerámos a idade expressa em anos, reportando-se ao dia da recolha dos dados. Foram considerados os seguintes níveis:

De alunos que se insere no intervalo dos 14 aos 20 anos;

Ano de escolaridade: foram considerados três níveis, correspondentes ao 10.º, 11.º e 12.º anos

Urbanidade: em função da área de residência, considerámos dois níveis (urbano e rural).

Em relação aos docentes foram consideradas as seguintes:

Género: operacionalizado por feminino e masculino;

Idade: considerámos a idade em anos, reportando-se ao dia da recolha de dados;

De Professores que se insere no intervalo dos 38 aos 64 anos.

Localização da escola: operacionalizada por litoral e interior;

Experiência profissional: considerámos a idade expressa em anos, mas também segmentada em experimentação e ativismo e conservadorismo, esta foi subdividida em fase da experimentação e ativismo que integra o intervalo dos 7 aos 18 anos de experiência profissional e a fase do conservadorismo, que integra o intervalo dos 19 aos 41 anos de experiência, esta divisão foi efetuada consoante o modelo de Hubberman (1989 cit. por César & Calado, 2010).

Grupo disciplinar: operacionalizado por letras e ciências.

### 2.1.2. *Variáveis Dependentes*

As variáveis dependentes foram operacionalizadas em:

score total, correspondendo à soma de todos os itens do questionário;

scores que integram a soma das subescalas em que o questionário se divide, tendo sido identificadas as seguintes: roubo ou furto (RF), crimes rodoviários (CR), crimes relacionados com drogas e álcool (CRDA), Agressão (A), Vandalismo (V), crimes em Contexto escolar (CCE) e por fim Perturbação da ordem pública (POP);

Item a item, ou seja, pergunta a pergunta.

## 2.2. **População e Amostra**

A amostra, de conveniência, foi obtida numa escola do distrito de Castelo Branco. A amostra da escola é composta por 116 alunos com um intervalo de idades entre os 14 e os 20, onde 50 (40,7%) indivíduos são do género masculino e 73 (59,3%) do género feminino, os valores médios da idade correspondem a 16,79 e desvio padrão de 1,18.

A amostra dos professores é composta por 28 indivíduos, com um intervalo de idades entre os 38 e os 64 anos, onde 10 (35,7%) são do género masculino e 18 (64,3%) do género feminino, os valores médios da idade correspondem a 47,04 e desvio padrão

6,97 e na experiência profissional os anos correspondem a um intervalo entre os 8 e os 40 anos de experiência e os valores médios 21,32 e desvio padrão 7,82.

Tabela 1  
*Caracterização Sociodemográfica dos Adolescentes*

Características Sociodemográficas	Adolescentes	
	F	%
Género		
Masculino	50	40.7
Feminino	73	59.3
Total	123	100
Meio		
Urbano	27	22
Rural	93	75.6
Total	123	100
Ano de escolaridade		
10ºano	38	30.9
11ºano	41	33.3
12ºano	37	30.11
Total	116	100

Tabela 2  
*Características Sociodemográficas dos Professores*

Características Sociodemográficas	Professores	
	F	%
Género		
Masculino	10	35.7
Feminino	18	64.3
Total	28	100
Grupo Disciplinar		
Letras	12	42.9
Ciências	15	53.6
Total	27	96.4
Experiência Profissional		
Experimentação e ativismo	10	35.7
Conservadorismo	18	64.3
Total	28	100
Ciclo de ensino que leciona		
Secundário	23	82.1
3º ciclo	5	17.9
Total	28	100

## **Instrumentos**

Neste estudo foi utilizada a escala de delinquência juvenil auto-relatada adaptada, validada para a população portuguesa por Pechorro, Vieira, Marôco, Barroso e Gonçalves (2015).

A mesma escala, com os riscos que tal decisão comporta, foi adaptada e utilizada para conhecer a percepção dos professores sobre os mesmos comportamentos relativos à delinquência juvenil.

### *2.2.1. ASDR – Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada*

A escala de delinquência auto-relatada adaptada (ASDR) foi originalmente concebida por Mak (1993) tendo posteriormente, sido adaptada por Carroll, Durkin, Houghton e Hattie (1996) e Pechorro, Vieira, Marôco, Barroso e Gonçalves (2015), tendo sido utilizada para este trabalho a última versão adaptada (Pechorro et al, 2015).

A ASDR (Anexo A) é um questionário de autorresposta que mede a implicação dos adolescentes em atividades ilegais ou antissociais. As pontuações obtidas neste instrumento são utilizadas como indicador de atividade criminal, incluindo obtenção de valores de ocorrência e prevalência (Pechorro et. al., 2015).

Trata-se de uma escala com um total de 35 itens, avaliados a partir de uma escala de Likert de 3 pontos, constituída por 7 subescalas: Roubo ou Furto (5 itens), Crimes Rodoviários (6 itens), Crimes Relacionados com Drogas e Álcool (6 itens), Agressão (4 itens), Vandalismo (6 itens), Crimes em Contexto Escolar (3 itens) e Perturbação de Ordem Pública (5 itens). Os valores mais elevados de pontuação podem indicar maior envolvimento em atividade criminal (Pechorro et al., 2015). O estudo de validação demonstrou uma boa consistência interna com Coeficiente alfa de Cronbach de 0.96 (Pechorro et al., 2015).

### *2.2.2. Escala de avaliação da delinquência juvenil percebida por professores*

Esta escala, Anexo B, apresenta-se sob a forma de um questionário de autorresposta adaptado que mede a percepção por parte dos professores sobre o fenómeno da delinquência juvenil. Este questionário é composto por afirmações que indicam os mesmos comportamentos ilegais e antissociais constantes na ADSR. Os itens são avaliados a partir de uma escala de Likert de 5 pontos (que vão de nada

relevante a muitíssimo relevante), constituída por 7 subescalas de 35 itens cada: Roubo ou Furto (5 itens), Crimes Rodoviários (6 itens), Crimes Relacionados com Drogas e Álcool (6 itens), Agressão (4 itens), Vandalismo (6 itens), Crimes em Contexto Escolar (3 itens) e Perturbação de Ordem Pública (5 itens).

### **2.3. Procedimento**

A recolha de dados junto dos jovens e professores decorreu entre março e abril de 2016 (Anexo C e Anexo D), e foi realizada através do contacto indireto com a escola e pedido de autorização à mesma. A todos os participantes foi garantido o anonimato e confidencialidade no estudo. Recorreu-se à recolha indireta dos dados dos professores, através de um professor que exerce funções de acessoria à direção, enquanto os dos jovens foi através dos seus professores.

### **2.4. Técnicas Estatísticas e Grau de Confiança**

Para a análise e tratamento dos dados, recorreu-se ao programa informático SPSS (Statistical Package for Social Sciences) para o Windows, versão 23, assumindo-se um nível de significância de  $p \leq 0,05$ , valor de referência na investigação em ciências sociais e humanas.

Foram utilizadas estatísticas descritivas (média, desvio padrão, mínimo e máximo) e inferenciais, ajustadas à natureza dos dados e características das variáveis e amostra. Assim, socorremo-nos do Teste-t de amostras independentes, do Teste de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis e da correlação de Rho de Spearman e Correlação de Pearson.

Relativamente às correlações apenas se fará alusão às que evidenciarem expressão estatística.

## **3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Antes de proceder às análises para testar as hipóteses definidas, procedeu-se à verificação de todos os requisitos, a fim de decidir as técnicas a utilizar.

### **3.1. Análise Descritiva dos resultados dos docentes**

#### **3.1.1. Subescala de Roubo ou Furto**

Na subescala de roubo ou furto (Tabela 3), entre os professores, o item com valores médios mais elevados é “Arrombamento de uma casa com intenção de roubo” com valores médios a  $3,79 \pm 0,50$ , de igual forma o item “Roubo de uma loja”, com os mesmos valores. Com valores mais modestos, mas igualmente elevados, o item “Roubar algo de outras pessoas”, com  $3,39 \pm 0,63$ . O menos valorizado é “Roubo de menos de 10€”. Estes resultados parecem indicar que os docentes concedem maior importância a aspetos como comportamentos que possam incorrer em crimes, como por exemplo assaltos a casas e lojas. Na sua maioria consideram totalmente relevantes os itens desta subescala.

Em sentido diverso parecem banalizar os crimes de foro monetário, chegando 2 pessoas a considerar o item “Roubo de menos de 10€” pouco relevante. Segundo o relatório de segurança interna (RASI,2014), existiram 287 ocorrências de Roubo e 1.220 furtos em meio escolar.

Tabela 3  
*Estatística Descritiva da Subescala de Roubo ou Furto Professores*

professores	Nada relevante	Pouco relevante	Relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio Padrão
Roubo de 10€			7			3.14	0.80
Arrombamento de casa com intenção de roubo			1	4	23	3.79	0.50
Roubo de menos de 10€	7	2	6	9	11	3.04	0.96
Roubar algo de outras pessoas.	10	4	2	13	4	3.39	0.63
Roubo de uma loja	11	23	1	4	23	3.79	0.50
Média total de Roubo ou Furto			3	14	11	3.43	0.55

Na subescala de roubo ou furto (Tabela 4), entre os alunos, o item com valor mais elevado é “Arrombamento de casa com intenção de roubo” com valores médios a  $0,01 \pm 0,09$ , com 89 alunos a responder que nunca o praticaram e 27 alunos a responder que já o realizaram algumas vezes. Seguido de “Roubaste coisas de uma loja?” com

valores a  $0,10 \pm 0,31$ . Existindo 103 alunos que nunca o fizeram e 12 que já o fizeram algumas vezes. Os itens menos frequentes são “Arrombaste uma casa com intenção de roubar?” e “Roubaste menos de 10€”.

Estes resultados indicam que os alunos desvalorizam os mesmos comportamentos que os professores, demonstrando isso pela prática dos mesmos.

Tabela 4  
*Estatística Descritiva da Subescala de Roubo ou Furto Alunos*

Alunos	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Média	Desvio Padrão
Roubaste mais de 10€?	112	4		0.03	0.18
Arrombaste uma casa com intenção de roubar?	115	1		0.01	0.09
Roubaste menos de 10€?	89	27		0.23	0.42
Roubaste coisas de outras pessoas?	111	5		0.04	0.20
Roubaste coisas numa loja?	103	12		0.10	0.31
Média total de Roubo ou Furto	81	32	3	0.08	0.15

### 3.1.2. Subescala de Crimes Rodoviários

Na subescala de crimes rodoviários (Tabela 5), entre os professores, o item mais valorizado corresponde a “Condução de veículos roubados” com valores a  $3,86 \pm 0,36$ , com 4 docentes a considerar este muito relevante e 24 totalmente relevante. Segue-se o item “Roubo de um carro ou de uma mota” com valores a  $3,75 \pm 0,52$ , com 22 docentes a considerar este item totalmente relevante. O item com os valores médios menos elevados é “Infração dos limites de velocidade (ex. condução de um veículo a mais de 120Km/H).

Estes resultados dão a entender que os docentes concedem maior relevância a aspetos ligados novamente ao roubo e, em sentido diverso, não dão relevância às infrações das regras de trânsito, pois poderá coincidir com a prática dos mesmos de tais comportamentos, acabando por desvalorizar tais práticas.

Tabela 5  
*Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Rodoviários Professores*

Professores	Nada relevante	Pouco relevante	relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio padrão
Infração dos limites de velocidade	1	3	11	7	5	2.44	1.05
Infração das regras de trânsito		1	7	8	12	3.11	0.92
Roubo de carro ou mota			1	5	22	3.75	0.52
Participação em corridas ilegais		2	3	3	20	3.46	0.96
Condução sem título habilitado			3	9	16	3.46	0.69
Condução de veículos roubados				4	24	3.86	0.36
Média total de crimes rodoviários		1	3	20	4	3.33	0.57

Na subescala de crimes rodoviários (Tabela 6), entre os alunos, o item mais valorizado é “Guiaste sem teres carta de condução?” com valores médios a  $0,45 \pm 0,65$ , onde 12 responderam que o faziam frequentemente e 32 algumas vezes. Seguido do item “Conduziste um carro ou mota a mais de 120km/h?” com valores a  $0,22 \pm 0,52$ , onde 6 respostas foram frequentemente e 13 algumas vezes. O item menos valorizado corresponde ao “Guiaste um carro ou mota roubados?”.

Estes resultados assinalam que os alunos banalizam comportamentos onde estão impostas regras, que é o caso da condução sem título de habilitação. Isto pode ser o resultado de ideias transmitidas por outros, pois segundo a experiência antigamente era um ato frequente. Também parecem praticar bastante (8 respostas algumas vezes e 1 frequentemente) a participação em corridas ilegais, a prática destes comportamentos indica o confronto constante entre o adolescente e o que lhe dizem para não ser feito.

Tabela 6  
*Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Rodoviários Alunos*

Alunos	Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Média	Desvio Padrão
Conduziste um carro ou mota a mais de 120KM?	97	13	6	0.22	0.52
Passaste um semáforo vermelho quando conduzas um carro ou uma mota?	111	5		0.04	0.20
Roubaste um carro ou uma mota?	115	1		0.01	0.09
Participaste em corridas de carros ou motas?	107	8	1	0.09	0.31
Guiaste sem teres carta de condução?	74	32	10	0.45	0.65
Guiaste um carro ou mota roubado?	116			0.00	0.00
Média total de crimes rodoviários	70	35	11	0.13	0.22

### 3.1.3. Subescala de Crimes Relacionados com Drogas e Álcool

Na subescala de crimes relacionados com droga e álcool (Tabela 7), entre os professores, o item com o valor médio mais elevado é “Venda de substâncias ilícitas” com valores a  $3,86 \pm 0,36$ , onde a maioria das respostas consideram totalmente relevante. Seguido de “Condução de um carro ou mota sob o efeito de álcool”, com valores a  $3,79 \pm 0,50$ . Os itens menos valorizados são “Compra de bebidas alcoólicas” e “Ingestão de bebidas alcoólicas em sítios públicos”.

Estes resultados parecem apontar para a banalização por parte dos docentes de alguns comportamentos que não deveriam ser realizados por adolescentes pois, neste momento, esses comportamentos não cumprem a lei, admitindo isto como hipótese explicativa para os resultados encontrados. Segundo o RASI (2014), no ano de 2014 existiram 119 ocorrências em meio escolar de posse/consumo de estupefacientes.

Tabela 7  
*Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Relacionados com Drogas e Álcool Professores*

Professores	Nada relevante	Pouco relevante	Relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio Padrão
Compra de bebidas alcoólica.	3	1	11	9	4	2.36	1.13
Ingestão de bebidas alcoólicas em sítios públicos.	3	2	9	7	6	2.41	1.25
Consumo de drogas derivadas da Cannabis		1	3	7	17	3.43	0.84
Consumo de drogas pesadas.		1	1	5	21	3.64	0.73
Venda de substâncias ilícitas.				4	24	3.86	0.36
Condução de um carro ou mota sob o efeito de álcool.			1	4	23	3.79	0.50
Média total de Crimes relacionados com drogas e álcool.		1	4	21	2	3.23	0.58

Na subescala de crimes relacionados com drogas e álcool (Tabela 8), entre os alunos, o item com valores médios mais elevados é “Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos?” com valores a  $1,13 \pm 0,70$ , onde 37 respostas foram frequentemente e 57 algumas vezes. Seguido de “Compraste bebidas alcoólicas?” com valores a  $0,97 \pm 0,74$ . O item menos valorizado é “Usaste drogas duras? (exemplo: ecstasy, cocaína ou heroína)”.

Estes resultados demonstram uma normalização de alguns comportamentos ligados à ingestão e compra de bebidas alcoólicas por parte de menores. Parece não ser falta de conhecimento de que este tipo de comportamentos infringem a lei, mas sim um confronto para com a autoridade. Para Perista, Cardoso, Silva e Carrilho (2012) no que concerne ao consumo de substâncias os jovens das zonas urbanas têm tendência para o consumo de álcool elevado e os jovens das zonas rurais é maior o consumo de cannabis.

Tabela 8  
*Estatística Descritiva da Subescala de Crimes Relacionados com Droga e Álcool*  
 Alunos

Alunos	Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Média	Desvio Padrão
Compraste bebidas alcoólicas?	33	53	30	0.97	0.74
Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos?	22	57	37	1.13	0.70
Fumaste haxixe “ganza” ou marijuana “erva”?	89	24	3	0.26	0.50
Usaste drogas duras? (ecstasy, cocaína, heroína)	115			0.00	0.00
Vendeste drogas a outras pessoas?	112	3	1	0.04	0.24
Guiaste um carro ou mota quando estavas bêbado?	110	6		0.05	0.22
Média total de Crimes relacionados com drogas e álcool.	111	5		0.41	0.31

#### 3.1.4. Subescala de Agressão

Na subescala de agressão (Tabela 9), entre os professores, que o item com valores mais elevados é “Roubo utilizando a força ou uma arma.” Com valores a  $3,93 \pm 0,26$ , com a maioria a responder totalmente relevante. Seguido de “Uso de força para conseguir algo de outras pessoas” com valores a  $3,81 \pm 0,48$ . Não existem itens menos valorizados, pois até se pode considerar esta subescala com itens bastante valorizados.

Estes resultados mostram que os docentes parecem valorizar bastantes aspetos ligados à agressão como por exemplo andar armado, roubo de forma agressiva. Em 2014, foram realizadas 72 ocorrências em meio escolar de posse/uso de arma (RASI,2014).

Tabela 9  
*Estatística Descritiva da Subescala de Agressão Professores*

professores	Nada relevante	Pouco relevante	Relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio Padrão
Roubo utilizando a força ou uma arma.				2	26	3.93	0.26
Uso de força para conseguir algo de outras pessoas			1	3	23	3.81	0.48
Envolvimento num acidente de carro ou de mota e fuga.			2	5	20	3.67	0.62
Andar armado/a ou uso de algum tipo de arma.		1		9	18	3.57	0.69
Subescala total Agressão			2	13	13	3.68	0.42

Na subescala de agressão (Tabela 10), entre os alunos, o item com valores médios mais elevados é “Andaste armado/a ou usaste algum tipo de arma (ex.: faca ou pistola)?” com valores a  $0,06 \pm 0,24$ , onde apesar das 109 respostas de nunca, existiram 7 respostas de algumas vezes. Os restantes itens estão menos valorizados.

Estes resultados expõem que os alunos não praticam com tanta frequência comportamentos ligados à agressão. Para Perista et al. (2012), existe uma tendência para no género masculino existir uso/posse de arma.

Tabela 10  
*Estatística Descritiva da Subescala de Agressão Alunos*

Alunos	Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Média	Desvio Padrão
Participaste num roubo utilizando a força ou uma arma?	116			0.00	0.00
Usaste força para conseguir algo de outras pessoas?	115	1		0.01	0.09
Estiveste envolvido num acidente de mota ou de carro e fugiste?	116			0.00	0.00
Andaste armado/a ou usaste algum tipo de arma?	109	7		0.06	0.24
Média total de Agressão	116			0.02	0.06

### 3.1.5. Subescala de Vandalismo

Na subescala de vandalismo (Tabela 11), entre os professores, o item com valores mais elevados corresponde a “Atear fogo intencionalmente” com valores a  $3,93 \pm 0,26$ , onde as respostas incidem entre muito relevante e totalmente relevante. Seguido de “Estrago propositado pessoal” com valores a  $3,67 \pm 0,48$ , no qual as respostas incidem igualmente no muito relevante e totalmente relevante. O item menos valorizado é “Pintar graffitis em sítios públicos.”.

Estes resultados parecem demonstrar que os docentes valorizam mais aspetos ligados a comportamentos que possam por em causa o bem-estar de outros como atear fogo, pintar graffitis e danificação da via pública, apesar de apenas se terem referido dois dos itens mais elevados, pode-se considerar esta subescala como uma das mais valorizadas, pois os seus níveis médios são bastante elevados.

Em 2014, foram reportadas 256 ocorrências em meio escolar de vandalismo/dano (RASI, 2014), ocorrências essas realizadas por ambos os géneros (Perista et al, 2012).

Tabela 11  
*Estatística Descritiva da Subescala de Vandalismo Professores*

professores	Nada relevante	Pouco relevante	Relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio Padrão
Estrago propositado de material da escola.			2	16	10	3.29	0.60
Vandalização da via pública.			3	15	10	3.25	0.65
Estrago propositado pessoal.				9	18	3.67	0.48
Atear fogo intencionalmente				2	26	3.93	0.26
Abanar ou bater em máquinas de venda automática.		1	6	15	5	2.89	0.75
Pintar graffiti em sítios públicos	1	1	10	12	3	2.56	0.89
Média Total de Vandalismo			6	20	2	3.21	0.37

Na subescala de vandalismo (Tabela 12), entre os alunos, o item com valores médios mais elevados é “Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática?” com valores a  $0,41 \pm 0,56$ , onde 40 das respostas se situa em algumas vezes e 4 no frequentemente. Seguido de “Estragaste de propósito material da escola?”, onde 27 das respostas se situavam no algumas vezes. O item menos valorizado é “Ateaste de propósito um fogo?”, onde apesar da maioria das respostas se situar no nunca, existem 6 no algumas vezes e 1 no frequentemente.

Com estes resultados, admitimos como hipótese explicativa que apesar do conhecimento dos alunos do que é errado, estes continuam a adotar comportamentos ligados ao estrago de algo.

Tabela 12  
*Estatística Descritiva da Subescala de Vandalismo Alunos*

Alunos	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Média	Desvio Padrão
Estragaste de propósito material da escola?	89	27		0.23	0.42
Estragaste de propósito coisas públicas?	104	12		0.10	0.31
Estragaste de propósito coisas de outras pessoas	107	9		0.08	0.27
Ateaste de propósito fogo?	109	6	1	0.07	0.29
Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática?	72	40	4	0.41	0.56
Pintaste graffitis em sítios públicos?	108	8		0.07	0.25
Média total de vandalismo	115	1		0.16	0.23

### 3.1.6. Subescala de Crimes em Contexto Escolar

Na subescala de crimes em contexto escolar (Tabela 13), entre os professores, que o item com valores médios mais elevados é “Envolvimento em lutas entre grupos” com valores a  $3,39 \pm 0,74$ , onde 12 das respostas são muito relevantes e 14 totalmente relevantes.

Estes resultados parecem indicar que os docentes dão maior relevância a aspetos como as lutas, tanto em grupos como individuais, e o facto de se ser expulso da escola, isto porque nesta subescala os valores médios de todos os itens são elevados.

Segundo o RASI (2014), no ano letivo 2013/2014 registaram-se 6.693 ocorrências em meio escolar, onde 72,5% foram de natureza criminal.

Tabela 13

*Estatística Descritiva da Subescala de Crimes em Contexto Escolar Professores*

professores	Nada relevante	Pouco relevante	Relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio Padrão
Envolvimento em lutas entre grupos.		1	1	12	14	3.39	0.74
Bater em alguém.			6	11	11	3.18	0.77
Ser suspenso ou expulso da escola.		1	2	11	14	3.36	0.78
Média total de crimes em contexto escolar		1	4	15	8	3.31	0.66

Na subescala de crimes em contexto escolar (Tabela 14), entre os alunos, o item com valores médios mais elevados é “Bateste-te em alguém?” com valores a  $0,42 \pm 0,51$ , onde 46 respostas incidiram no algumas vezes e 1 frequentemente. Nesta subescala o item menos frequente é “Foste suspenso ou expulso da escola?”.

Estes resultados apontam para uma maior frequência de comportamentos de lutas nos alunos.

Tabela 14  
*Estatística Descritiva da Subescala de Crimes em Contexto Escolar Alunos*

Alunos	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Média	Desvio Padrão
Envolveste-te em lutas entre grupos?	101	14	1	0.14	0.37
Bateste em alguém?	68	46	1	0.42	0.51
Foste suspenso ou expulso da escola?	111	5		0.04	0.20
Média total de crimes em contexto escolar	112	4		0.20	0.27

### 3.1.7. Subescala Perturbação da Ordem Pública

Na subescala de perturbação da ordem pública (Tabela 15), entre os professores, que o item com valores médios mais elevados é “Fugir de casa”, com valores a  $3,29 \pm 0,98$ , onde 15 das respostas incidiram no totalmente relevante. Seguido do item “Fazer telefonemas a ameaçar ou insultar alguém” com valores a  $3,21 \pm 0,83$ , onde 11 das respostas incidiram no muito relevante e 12 no totalmente relevante. O item menos valorizado é “Faltar às aulas sem justificação”.

Estes resultados aparentam uma maior relevância, por parte dos docentes a aspetos como à fuga de casa e o realizar de telefonemas incomodativos para outras pessoas. Em sentido diverso parecem não dar tanta relevância à falta às aulas sem justificação, existindo professores que não o acham nada e pouco relevante.

Dentro dos comportamentos ligados à perturbação da ordem pública no ano de 2014 registram-se 669 ocorrências em meio escolar ligadas a injúrias e ameaças (RASI, 2014).

Tabela 15

*Estatística Descritiva da Subescala de Perturbação da ordem Pública Professores*

professores	Nada relevante	Pouco relevante	Relevante	Muito relevante	Totalmente relevante	Média	Desvio padrão
Visualização de filmes pornográficos.	1	4	10	7	5	2.41	1.08
Fazer telefonemas a ameaçar ou a insultar alguém.		1	4	11	12	3.21	0.88
Não pagar bilhete (transportes públicos).		3	10	10	5	2.61	0.92
Faltar às aulas sem justificação.	1	5	10	10	2	2.25	0.97
Fugir de casa	1		4	8	15	3.29	0.98
Média total de perturbação de ordem pública		1	1	3	23	4.72	1.15

Na subescala de perturbação da ordem pública (Tabela 16), entre os alunos, que o item com valores médios mais elevados é “Viste filmes pornográficos?”, com valores a  $0,66 \pm 0,67$ , onde 51 das respostas incidiram no algumas vezes e 13 frequentemente. Seguido do item “Faltas-te às aulas sem justificação?” com valores a  $0,56 \pm 0,58$ , onde 54 respostas foram algumas vezes e 5 frequentemente. O item menos valorizado é “Fugiste de casa?”.

Nestes resultados os alunos praticam mais comportamentos ligados com a visualização de conteúdos impróprios, fazer telefonemas a desconhecidos a ameaçar e a insultar, não pagar bilhete em transportes públicos e faltar às aulas sem justificação, pois esta subescala é uma das que contém mais respostas ligadas ao algumas vezes e ao frequentemente.

Tabela 16

*Estatística Descritiva da Subescala de Perturbação da Ordem Pública Alunos*

Alunos	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Média	Desvio padrão
Viste filmes pornográficos?	52	51	13	0.66	0.67
Fizeste telefonemas a insultar ou a ameaçar alguém?	96	19	1	0.18	0.41
Não pagaste bilhete? (transportes públicos)	99	15	2	0.16	0.42
Faltaste às aulas sem justificação?	56	54	5	0.56	0.58
Fugiste de casa?	112	3	1	0.04	0.24
Média total de perturbação da ordem pública	101	14	1	0.44	0.41

### 3.2. Análise Inferencial

#### 3.2.1. Delinquência juvenil auto-relatada em função do Género

Analisando a tabela 17, verifica-se que existem diferenças significativas nas subescalas de crimes rodoviários, relacionados com drogas e álcool, agressão, vandalismo, crimes em contexto escolar e perturbação da ordem pública e escala total. Em função do género estes resultados parecem indicar que os valores serão mais elevados no género masculino, rejeitando assim a hipótese 1. Para Perista et al. (2012), os rapazes têm tendência para assumir com maior frequência comportamentos delinquentes face às raparigas, inclusive existe uma diferença nos comportamentos que praticam. As raparigas, ainda segundo os mesmos autores, cometem mais delitos ligados ao roubo em loja e vandalismo e os rapazes brigas e desacatos (maioritariamente em grupo), roubo a pessoas e alguns referem porte de arma.

Tabela 17  
*Delinquência Juvenil Auto-Relatada em Função do Género (Teste de Mann-Whitney)*

Aluno	roubo ou furto	crimes rodoviários	crimes relacionados com drogas e álcool	agressão	vandalismo	crimes em contexto escolar	perturbação da ordem pública	escala total
U de								
Mann-Whitney	1380.50	904.50	1231.00	144.00	1021.00	1223.50	800.00	708.00
Wilcoxon W	3591.50	3115.50	3442.00	365.00	3232.00	3434.50	3011.00	2919.00
Z	-1.87	-4.73	-2.39	-2.62	-3.80	-2.68	-4.83	-5.27
Sig.	.06	.00	.02	.01	.00	.01	.00	.00

### 3.2.2. Delinquência Juvenil percecionada em função do Género

Tendo em conta a hipótese 2 (Não existem diferenças significativas na delinquência juvenil percecionada pelos professores, em função do género), recorreu-se ao Test-T nas subescalas que cumpriam a normalidade, o que não se verificou nas restantes que implicou a utilização de técnicas não paramétricas (teste de Mann-Whitney). Como se pode observar na Tabela 18, não existem diferenças significativas nas subescalas de crimes rodoviários, vandalismo e perturbação da ordem pública e escala total e média da escala total em função do género, confirmando-se assim a hipótese, ou seja, admitimos como hipótese explicativa que os docentes de ambos os géneros percecionam de modo semelhante estes comportamentos delinquentes.

Tabela 18

*Delinquência Juvenil Percecionada em Função do Género (Test-T)*

Professor	Teste-T para igualdade de médias			
	t	gl	Sig	Média
Escala Total	-.23	25	.82	-1.55
	-.22	17.38	.83	-1.55
Crimes Rodoviários	.21	25	.84	.05
	.20	21.72	.84	.05
Vandalismo	-.86	25	.39	-.13
	-.86	23.03	.40	-.13
Perturbação da Ordem Pública	-.29	25	.77	-.14
	-.28	17.06	.78	-.14
Média da Escala Total	-.23	25	.82	-.04
	-.22	17.38	.83	-.04

Quanto às subescalas de roubo ou furto (Tabela 19), também não encontramos diferenças na percepção dos professores em função do género, nos itens referentes aos crimes rodoviários, crimes relacionados com drogas e álcool, agressão, crimes em contexto escolar e na escala total, indo ao encontro da hipótese formulada, o que indica que os docentes masculinos e femininos percecionam de modo semelhante os comportamentos delinquentes.

Tabela 19

*Delinquência Juvenil Percecionada em função o género (Teste de Mann-Whitney)*

Professor	Escala total	Roubo ou Furto	Crimes relacionados com drogas e álcool	Agressão	Crimes em contexto escolar
U de Mann-Whitney	77.50	72.00	61.50	84.00	79.50
Wilcoxon W	132.50	127.00	116.50	139.00	134.50
Z	-.60	-.90	-1.38	-.31	-.52
Sig.	.55	.37	.17	.76	.61

### 3.2.3. Delinquência Juvenil auto-relatada em função da escolaridade

Analisando a tabela 20, verifica-se que em relação à escolaridade existem diferenças significativas entre o 12º ano comparado com o 10ºano e o 11º ano comparado com o 10ºano, parecendo o 12º ano o melhor, pelo que não se comprova a hipótese 3. Segundo Veed (2009, cit. por Oliveira, 2011), a idade e a escolaridade são referidas na literatura como altamente correlacionadas, pelo que a idade é considerada como equivalente à escolaridade. E segundo Moffit (2001, cit. por Oliveira, 2011), o comportamento delinquente manifesta-se com maior frequência em adolescentes mais velhos.

Tabela 20

*Delinquência Juvenil Auto-Relatada em função da escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)*

Teste de Kruskal-Wallis – Comparação de Pares				
Amostra- Amostra	Estatística de teste	Std. Erro	Erro de estatística de teste	Sig.
12ºano-10ºano	14.03	6.26	2.24	0.03
11ºano-10ºano	12.32	6.11	2.02	0.04
12ºano-11ºano	1.71	6.11	0.28	0.78

#### 3.2.4. Delinquência Juvenil auto-relatada em função do Meio

Analisando a tabela 21, referente aos alunos, verifica-se que existem diferenças significativas em relação à prática de comportamentos delinquentes e o meio nas subescalas de vandalismo e perturbação da ordem pública. Estes resultados mostram que essas diferenças podem ser mais acentuadas no meio urbano, o que segundo Perista et al. (2012), os jovens residentes em zona urbana têm uma tendência maior para a manifestação de comportamentos delinquentes que aqueles que residem em zona rural, existindo uma diferença nos comportamentos delinquentes praticados.

Tabela 21

*Delinquência Juvenil auto-relatada em Função do Meio (Teste de Mann-Whitney)*

aluno	roubo ou furto	crimes rodoviários	crimes relacionados com drogas e álcool	agressão	vandalismo	crimes em contexto escolar	perturbação da ordem pública	escala total
U de								
Mann-Whitney	1003.50	817.50	1010.50	981.00	673.50	882.50	718.50	754.50
Wilcoxon W	1256.50	5095.50	1263.50	1234.00	4951.50	5160.50	4996.50	5032.50
Z	-.08	-1.58	-.01	-.50	-2.63	-1.04	-2.15	-1.86
Sig.	.94	.11	.99	.62	.01	.30	.03	.06

### 3.2.5. Delinquência Juvenil Percecionada em função do Grupo Disciplinar

Analisando as Tabelas 22 e 23, verifica-se que não existem diferenças significativas em todas as subescalas, pelo que se pode perceber em relação ao grupo disciplinar que os docentes mantêm a mesma opinião em relação aos comportamentos delinquentes relacionados com roubo ou furto, transgressões rodoviárias, relacionados com droga e álcool, vandalização de variadas formas de via pública, da escola e por fim agressão. Mesmo assim no t-test a posição do grupo disciplinar de letras dá mais relevância aos crimes rodoviários, vandalismo e perturbação da ordem pública e no Mann-Whitney o grupo disciplinar de ciências consideram mais como comportamentos delinquentes o roubo ou furto, crimes relacionados com droga e álcool, agressão e crimes em contexto escolar.

Tabela 22

*Delinquência Juvenil Percecionada em função do grupo disciplinar (Teste-T)*

Professores	T-test para igualdade de médias			
	Média	T	gl	Sig
Escala total	-1.55	-.23	25	.82
	-1.55	-.22	17.38	.83
Crimes Rodoviários	0.04	.21	25	.84
	0.04	.20	21.72	.84
Vandalismo	-1.28	-.86	25	.39
	-1.28	-.86	23.04	.40
Perturbação da ordem pública	-0.14	-.29	25	.77
	-0.14	-.28	17.06	.78
Média da escala total	-0.04	-.23	25	.82
	-0.04	-.215	17.38	.83

Tabela 23

*Delinquência Juvenil Percecionada em Função do Grupo Disciplinar (Teste de Mann-Whitney)*

Professor	roubo ou furto	crimes		crimes em contexto escolar
		relacionados com drogas e álcool	agressão	
U de Mann-Whitney	82.00	8.,00	88.00	70.00
Wilcoxon W	160.00	166.00	208.00	190.00
Z	-.41	-.09	-.10	-1.00
Sig.	.68	.92	.92	.32

### 3.2.6. Delinquência Juvenil auto-relatada em função da Idade

Relativamente à hipótese 6, encontram-se correlações significativas maioritariamente fortes, tendo apenas 3 moderadas, como se pode verificar pela Tabela 24, não confirmando assim a hipótese.

Segundo a literatura, com o avançar da idade existe tendência, por parte do adolescente, para a continuação dos comportamentos delinquentes podendo haver uma

acumulação de diversos comportamentos, dando assim os resultados a entender que existe uma relação próxima entre os comportamentos delinquentes e a idade (Moffit, 2001, cit. por Oliveira, 2011)

Tabela 24  
Correlação entre Delinquência Juvenil auto-relatada e idade (Rho de Spearman)

Aluno		Crimes rodoviários	Crimes relacionados com drogas e álcool	Agressão	Vandalismo	Crimes em contexto Escolar	Perturbação da ordem pública	escala total
Idade	Rho	.23*	.29**					
	Sig.	.01	.00					
Roubo ou furto	Rho			.22*	.51**	.40**	.46**	.51**
	Sig.			.02	.00	.00	.00	.00
Crimes rodoviários	Rho		.44**	.28**	.29**	.29**	.53**	.66**
	Sig.		.00	.00	.00	.00	.00	.00
Crimes relacionados com drogas e álcool	Rho				.31**	.20*	.40**	.69**
	Sig.				.00	.04	.00	.00
Agressão	Rho				.32**	.33**	.33**	.35**
	Sig.				.00	.00	.00	.00
Vandalismo	Rho					.50**	.57**	.68**
	Sig.					.00	.00	.00
Crimes em contexto escolar	Rho						.69**	.63**
	Sig.						.00	.00
Perturbação da ordem pública	Rho							.88**
	Sig.							.00

### 3.2.7. Delinquência Juvenil percebida em função da idade

Analisando a Tabela 25, referente aos professores, recorreu-se a técnicas paramétricas nas subescalas de vandalismo e perturbação da ordem pública, verificando-se a existência de uma correlação significativa na perturbação da ordem pública com vandalismo. A idade dos docentes não evidencia expressão estatística na correlação com as restantes variáveis

Tabela 25  
*Correlação (r de Pearson) entre delinquência juvenil percebida e a idade*

Professor		Idade	Vandalismo	Perturbação da ordem pública
Idade	r		.068	-.115
	Sig.		.730	.562
Vandalismo	r			.577**
	Sig.			.001
Perturbação da ordem pública	r			
	Sig.			

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01.

Para as restantes subescalas utilizaram-se técnicas não paramétricas, verificando uma correlação significativa entre a escala total e as subescalas de roubo ou furto, crimes rodoviários, crimes relacionados com droga e álcool, agressão e crimes em contexto escolar. Seguindo-se a subescala de roubo ou furto com crimes rodoviários e crimes em contexto escolar, também significativas. A subescala de crimes rodoviários correlaciona-se com crimes em contexto escolar e, por fim, as subescalas de crimes relacionados com droga e álcool de crimes em contexto escolar.

Todas as correlações são consideradas fortes, exceto a correlação da escala total com a subescala de agressão.

Tabela 26

Correlação entre delinquência juvenil percebida e a idade

Professor		Roubo ou furto	Crimes rodoviários	Crimes relacionados com drogas e álcool	Agressão	Crimes em contexto escolar
Idade	<i>Rho</i>	.174	.145	-.108	-.103	.169
	Sig.	.375	.461	.585	.602	.389
Escala total	<i>Rho</i>	.763*	.695*	.665**	.438*	.868**
	Sig.	.000	.000	.000	.020	.000
Roubo ou furto	<i>Rho</i>		.516*	.282	.343	.640**
	Sig.		.005	.146	.074	.000
Crimes rodoviários	<i>Rho</i>			.286	.361	.609**
	Sig.			.140	.059	.001
Crimes relacionados com drogas e álcool	<i>Rho</i>				.352	.479**
	Sig.				.066	.010
Agressão	<i>Rho</i>					.245
	Sig.					.208

### 3.2.8. Delinquência Juvenil percebida em função da Experiência Profissional

Como se pode observar na Tabela 27, apenas existem diferenças significativas na subescala de vandalismo em função da experiência profissional, o que indica que os docentes adotam diferentes posições em relação aos comportamentos delinquentes associados a esta subescala, admitimos como hipótese explicativa que estes resultados mostram que os docentes posicionados no conservadorismo parecem valorizar mais os comportamentos delinquentes inseridos nestas subescalas que os docentes posicionados na fase da experimentação e ativismo.

Tabela 27

*Delinquência Juvenil Percecionada em função da experiência profissional*

T-test para igualdade de médias, nos professores				
	Média	t	gl	Sig.
vandalismo	-.32	-2.387	26	.025
	-.32	-2.829	25.967	.009
perturbação da ordem	-.41	-.896	26	.378
pública	-.41	-.929	20.765	.363

Nas restantes subescalas, concluiu-se, mais uma vez, que os docentes apenas se distinguem na subescala de Roubo ou Furto (Tabela 28), sendo mais uma vez essas diferenças mais acentuadas nos docentes de conservadorismo que nos docentes da experimentação e ativismo, os docentes de conservadorismo parecem valorizar mais os comportamentos delinquentes relacionados com o roubo e o furto.

Tabela 28

*Delinquência Juvenil Percecionada em função da experiência profissional (Teste de Mann-Whitney)*

Professor	Escala total	Roubo ou furto	Crimes rodoviários	Crimes relacionados com drogas e álcool	Agressão	Crimes em contexto escolar
U de Mann-Whitney	51.00	42.50	55.00	84.00	82.00	65.00
Wilcoxon W	106.00	97.50	110.00	139.00	137.00	120.00
Z	-1.87	-2.38	-1.69	-.29	-.41	-1.23
Sig.	.06	.02	.09	.77	.68	.22

## CONCLUSÃO

Este trabalho é o resultado de um estudo sobre a delinquência juvenil, temática cada vez mais atual, na nossa sociedade. Geralmente é na adolescência que surge o pico destes comportamentos. Para Benavente (2002), a relação entre transgressão e adolescência é um fenómeno natural, pois a primeira torna-se essencial ao desenvolvimento, tanto no crescimento físico como para adquirir novas formas de socializar.

O conceito de delinquência juvenil tem sido definido de diversas maneiras, sendo as mais comuns em função de critérios legais, onde o indivíduo é considerado como delinquentes quando pratica um ato ilícito e pela via do comportamento antissocial. Segundo Negreiros (2008), estes comportamentos podem ser de oposição, incluir roubo, violência física, crueldade e fugas, estando o indivíduo em constante conflito com o outro.

A maior afluência de comportamentos considerados de delinquência juvenil é atribuída aos 17-18 anos, pois é nesta fase que o indivíduo passa por uma remodelação interior e forma os seus valores e a sua personalidade. Quanto aos fatores que lhe estão associados identificam-se fatores que potenciam este tipo de comportamento (de risco) e outros que os inibem (protetores). É de referir que estes fatores são constantes na vida do jovem, pois ocorrem no seio da sua realidade envolvente, ainda que um bom suporte individual, familiar ou social, facilmente contribua para ultrapassar estas situações. Situam-se aqui aspetos como sejam o temperamento e autoestima, a forma como a família lida com o jovem e entre si, a escola e a forma deste a encarar (motivação), o grupo de pares e a forma de estar do mesmo, o sítio onde vive e as situações que presencia.

A literatura realça o papel da escola na vida do adolescente, enquanto espaço importante de estabelecimento de relações sociais, que ajudam a promover modelos adultos de referência (Pral, 2007). O professor exerce aqui um papel fundamental de influência na vida do jovem.

Neste contexto, considerou-se essencial estudar a delinquência juvenil auto relatada pelos adolescentes e percebida pelos professores.

Os resultados referentes à delinquência juvenil auto-relatada permitiram-nos verificar a existência de diferenças significativas no género masculino, nas subescalas de comportamentos ligados à infração rodoviária, consumo de substâncias (álcool e drogas leves), agressão, vandalismo, perturbação da ordem pública e em meio escolar. Em função da escolaridade as diferenças verificam-se nos anos mais elevados (12º ano e 11º ano), verificando-se que os comportamentos são realizados pelos alunos com idades mais avançadas. Por fim em função do meio verificaram-se diferenças significativas mais acentuadas em meio urbano que em meio rural, sendo os comportamentos delinquentes do primeiro mais relacionados com o vandalismo e a perturbação da ordem pública.

Os resultados referentes à delinquência juvenil percebida pelos docentes permitiram-nos perceber se existiam ou não diferenças significativas em função de variáveis como o género, o grupo disciplinar e experiência profissional. Apenas se verificaram diferenças significativas em função da experiência profissional onde os docentes situados na fase do conservadorismo deram maior ênfase aos comportamentos ligados ao vandalismo que os docentes na fase do ativismo e experimentação. Nas restantes variáveis entende-se, por não existirem diferenças significativas, que os docentes detêm uma opinião homogénea em relação aos comportamentos delinquentes.

Em relação às correlações verifica-se que a delinquência juvenil auto-relatada se correlaciona significativamente de forma forte e positiva com a idade. Na delinquência juvenil percebida verifica-se que as subescalas de vandalismo, escala total, roubo ou furto, crimes rodoviários e crimes relacionados com drogas e álcool se correlacionam significativamente de forma positiva e forte com a idade.

Aquando da realização deste trabalho, foram surgindo alguns obstáculos e limitações, entre as quais se incluem as características da amostra, pelo que devem ser retiradas as devidas implicações de prudência na análise e extrapolação dos resultados, verifica-se também a escassez de literatura inerente ao grupo dos docentes pelo que se tornou difícil a comparação dos resultados com outros estudos. No entanto fica o contributo do estudo realizado para um caminho não muito explorado na investigação sobre a delinquência juvenil, que exige continuidade, quer em termos de replicação do estudo, quer em termos de alargamento a outras populações e contextos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benavente, R. (2002). Delinquência Juvenil: da disfunção social à psicopatologia, *Análise Psicológica*, 4 (XX): 637-645. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v20n4/v20n4a08.pdf>.
- Campos, B. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (Vol. II). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, H. (2014). *Perceções acerca do impacto do desporto escolar na delinquência juvenil*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Educação e Psicologia, Porto. Obtido de <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15155/1/Disserta%20Final%20-%20Perce%20acerca%20do%20impacto%20do%20Desporto%20Escolar%20na%20Delinqu%20Juvenil.pdf>.
- Carvalho, M. (2010). *Do outro lado da cidade – Crianças, Socialização e delinquência em bairros de realojamento*. (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10362/6132>.
- César, M & Calado, C. (2010). É só para passar o tempo? Currículos com sentido em educação inclusiva, *Interações*, 15: 68 -114. Obtido de <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/427/381>
- Clinkinbeard, S. (2014). What Lies Ahead: An exploration of future orientation, self-control and delinquency. *Criminal Justice Review*, 39 (1), 19-36. Obtido de <http://cjr.sagepub.com/content/39/1/19>.
- Cunha, C. (2014). *Fatores de Risco e Fatores Protetores da delinquência juvenil em jovens com medida tutelar educativa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Educação e Psicologia, Porto. Obtido de <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15170/1/Disserta%20Cl%20Cunha.pdf>.
- Decreto de Lei nº 166/99 – Lei Tutelar Educativa. Obtido em [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=542&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=542&tabela=leis)
- Farrington, D. (2002). Fatores de Risco para a Violência Juvenil. *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. In Debarbieux, E., & Blaya, C. (Eds.). Brasília: Unesco. Obtido de <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>.

- Fernandes, M. e Gonçalves, R. (2007). Tipologia do delinquente juvenil urbano: Estudo exploratório na cidade de Lisboa, *Psychologica*, Coimbra 45: 103 – 123.
- Ferreira, C. (2013). *A Cor da Delinquência? Articulações entre etnia cigana, a família e a escola*. (Tese de Mestrado). Instituto de Ciências Sociais: Universidade do Minho. Obtido de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29299/1/A%20Cor%20da%20Delinqu%aancia%20-%20Articula%a7%b5es%20entre%20a%20etnia%20cigana%2c%20a%20fam%adlia%20e%20a%20escola.pdf>.
- Ferreira, P. (1997). Delinquência Juvenil, família e escola. *Análise social* 32 (143): 913-924. Obtido de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793968M7uDQ9ah6Bb71JL6.pdf>.
- Gomes, R. (2013). *Diminuindo a delinquência juvenil – Um programa de prevenção comunitária*. (Dissertação de Licenciatura). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Fernando Pessoa, Porto. Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4152/1/MONOGRAFIA%20FINAL.pdf>.
- Lemos, I. (2007). *Família, Psicopatologia e Resiliência na Adolescência: do risco psicossocial ao percurso delinvente*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de ciências humanas e sociais: Universidade do Algarve, Faro. Obtido de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1643/1/TES%20LEMO1.pdf>.
- Loeber, R., Farrington, D. e Petechuk, D. (2003). *Child Delinquency: early intervention and prevention*. Child delinquency – Bulletin series, Office of juvenile justice and delinquency prevention: United States. Obtido de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/ojjdp/186162.pdf>.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. e Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler edições.
- Moffit, T. (1993). Adolescence Limited and Life-Course-Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy. *Psychological Review*, 100 (4), 674-701. Obtido de [http://www.colorado.edu/ibs/jessor/psych7536-805/readings/moffitt-1993\\_674-701.pdf](http://www.colorado.edu/ibs/jessor/psych7536-805/readings/moffitt-1993_674-701.pdf).
- Negreiros, J. (2008). *Delinências Juvenis – Trajectórias, Intervenções e Prevenção*. Porto: Legis Editora.
- Neves, A. (2013). *Impulsividade, percepção das práticas educativas parentais, comportamentos antissociais e delinquentes em adolescentes: uma amostra em*

- contexto escolar*. (Tese de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egaz Moniz, Lisboa. Obtido de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6138/1/2013\\_Neves%2c%20Andrei%20de%20Oliveira.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6138/1/2013_Neves%2c%20Andrei%20de%20Oliveira.pdf)
- Oliveira, P. (2011). *Atitudes e Crenças antissociais na Delinquência Juvenil: Diferenças em Função da Idade, do Género e do Padrão Antissocial*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57441>
- Pechorro, P, Vieira, R., Marôco, J., Ricardo, B. & Gonçalves, R. (2015). Adaptação de uma versão portuguesa da Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada para adolescentes. *Revista Psicologia*, 29 (1), pp. 59 – 67. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v29n1/v29n1a06.pdf>
- Perista, H., Cardoso, A., Silva, M. & Carrilho, P. (2012). *Criminalidade e violência juvenil: Resultados de um estudo Europeu sobre delinquência e prevenção*. Centro de estudos para a intervenção social. Obtido de [http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev\\_CE\\_Materials\\_SocialWork\\_PT.pdf](http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev_CE_Materials_SocialWork_PT.pdf).
- Pral, C. (2007). *Oportunidade e Risco: Suporte social e factores psicossociais associados ao fenómeno da delinquência juvenil*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Obtido de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/824/1/DM%20PRAL1.pdf>.
- Rauen, F. (2012). *Pesquisa Científica: Discutindo a Questão das Variáveis*. Obtido de [http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos\\_IV%20sfp/\\_F%C3%A1bio\\_Rauen.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_IV%20sfp/_F%C3%A1bio_Rauen.pdf)
- Relatório de Segurança Interna (2014). *Sistema de Segurança interna*. Obtido de <http://www.portugal.gov.pt/media/6877606/20150331-rasi-2014.pdf>
- Sá, A. (2001). Delinquência infanto-juvenil como uma das formas de solução da privação emocional. *Revista Psicologia- teoria e prática*, 3(1), 13-22. Obtido de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1096/808>.
- Siegel, L. & Welsh, B. (2008). *Juvenile Delinquency – The core*. America: Thomson Wadsworth.
- Silva, A. (2010). *Estudo Neuropsicológico em Adolescentes Institucionalizados*. (Dissertação de Mestrado). Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto.

- Silva, D. e Hutz, C. (2002). Abuso Infantil e Comportamento Delinquente na Adolescência: Prevenção e Intervenção. In Hutz, C. (org.). *Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: Aspectos Teóricos e Estratégias de Intervenção*. Brasil: Casa do Psicólogo Livraria e Editora.
- Silva, J. e Salles, L.(orgs.) (2010). *Jovens, Violência e Escola – Um Desafio Contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP. Obtido de <http://static.scielo.org/scielobooks/cbwwq/pdf/silva-9788579831096.pdf>
- Saraiva, D. (2002). Participação dos Professores na Escola. *Revista Millenium-* revista do Instituto Politécnico de Viseu, nº 25, 1-17.
- Teixeira, C. (2008). *O jovem Delinquente em Contexto Escolar*. (Dissertação de Mestrado). Porto: Universidade Portucalense. Obtido de <http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/12/3/TME%20424%20-%20tese.pdf>
- Wasserman, G., Keenan, K., Tremblay, R. Coie, J., Herrenkohl, T., Loeber, R e Petechuk, D. (2003). *Risk and Protective Factors of Child Delinquency*. Obtido de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/ojdp/193409.pdf>
- Zappe, J., & Dias, A. (2010). Delinquência Juvenil na produção científica nacional: distâncias entre achados científicos e intervenções concretas. *Barbaroi*, 33, 82–102. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a06.pdf>

# **ANEXOS**

Anexo A – Escala de Delinquência Juvenil Auto-Relatada para Adolescentes

	Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente
<b>Roubo ou Furto</b>			
1. Roubaste mais de 10€?			
2. Arrombaste uma casa com intenção de roubar?			
3. Roubaste menos de 10 €?			
4. Roubaste coisas de outras pessoas (exemplo: telemóvel)?			
5. Roubaste coisas numa loja?			
<b>Crimes Rodoviários</b>			
6. Conduziste um carro ou mota a mais de 120 km/h?			
7. Passaste um semáforo vermelho quando conduziás um carro ou mota?			
8. Roubaste um carro ou mota?			
9. Participaste em corridas de carros ou motas?			
10. Guiaste sem teres carta de condução?			
11. Guiaste um carro ou mota roubados?			
<b>Crimes relacionados com drogas ou álcool</b>			
12. Compraste bebidas alcoólicas?			
13. Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos (exemplo: em discotecas)?			
14. Fumaste haxixe “ganza” ou marijuana “erva”?			
15. Usaste drogas duras (exemplo: ecstasy, cocaína ou heroína)?			
16. Vendeste drogas a outras pessoas?			
17. Guiaste um carro ou mota quando estavas bêbado?			
<b>Agressão</b>			
18. Participaste num roubo usando a força ou uma arma?			
19. Usaste a força para conseguir coisas de outras pessoas (ex.: dinheiro)?			
20. Estiveste envolvido num acidente de carro ou de mota e a seguir fugiste?			

21. Andaste armado/a ou usaste algum tipo de arma (ex.: faca ou pistola)?			
<b>Vandalismo</b>			
22. Estragaste de propósito material da escola (ex.: cadeira, porta)?			
23. Estragaste de propósito coisas públicas (ex.: jardins, caixotes do lixo)?			
24. Estragaste de propósito coisas de outras pessoas (ex.: carro, partir vidros)?			
25. Ateaste de propósito um fogo?			
26. Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática (exemplo: de bebidas)?			
27. Pintaste graffiti em sítios públicos?			
<b>Crimes em contexto escolar</b>			
28. Envolveste-te em lutas entre grupos?			
29. Bateste em alguém?			
30. Foste suspenso ou expulso da escola?			
<b>Perturbação da ordem pública</b>			
31. Viste filmes pornográficos?			
32. Fizeste telefonemas a ameaçar ou a insultar alguém?			
33. Não pagaste bilhete (ex.: transportes públicos)?			
34. Faltaste às aulas sem justificação?			
35. Fugiste de casa?			

Anexo B – Escala de avaliação da delinquência juvenil percebida por professores

	nada relevante	pouco relevante	relevante	muito relevante	Totalmente relevante
<b>Roubo ou furto</b>					
36. Roubo de 10€.					
37. Arrombamento de uma casa com intenção de roubo.					
38. Roubo de menos de 10 €.					
39. Roubar algo de outras pessoas. (Exemplo: Telemóvel)					
40. Roubo de uma loja.					
<b>Crimes Rodoviários</b>					
41. Infração dos limites de velocidade. (ex.: condução de um veículo a mais de 120 km/h)					
42. Infração das regras de trânsito. (ex.: passagem de um sinal vermelho)					
43. Roubo de um carro ou de uma mota.					
44. Participação em corridas ilegais.					
45. Condução sem título habilitado.					
46. Condução de veículos roubados.					
<b>Crimes relacionados com drogas ou álcool</b>					
47. Compra de bebidas alcoólicas.					
48. Ingestão de bebidas alcoólicas em sítios públicos. (ex.: discotecas)					
49. Consumo de drogas derivadas da Cannabis. (Haxixe “ganza” ou marijuana “erva”)					
50. Consumo de drogas pesadas. (ex.: ecstasy, cocaína ou heroína)					
51. Venda de substâncias ilícitas.					
52. Condução de um carro ou mota sob o efeito de álcool.					
<b>Agressão</b>					
53. Roubo utilizando a força ou uma arma.					
54. Uso de força para conseguir algo de outras pessoas. (ex.: dinheiro)					
55. Envolvimento num acidente de carro ou de mota e fuga.					
56. Andar armado/a ou uso de algum tipo de arma. (ex.: faca ou pistola)					
<b>Vandalismo</b>					
57. Estrago propositado de material da escola. (ex.: Cadeiras, portas)					

58. Vandalização da via pública. (ex.: jardins, caixotes do lixo)					
59. Estrago propositado pessoal. (ex.: carro, partir vidros)					
60. Atear fogo intencionalmente.					
61. Abanar ou bater em máquinas de venda automática.					
62. Pintar graffiti em sítios públicos.					
<b>Crimes em contexto escolar</b>					
63. Envolvimento em lutas entre grupos.					
64. Bater em alguém.					
65. Ser suspenso ou expulso da escola.					
<b>Perturbação da ordem pública</b>					
66. Visualização de filmes pornográficos.					
67. Fazer telefonemas a ameaçar ou a insultar alguém.					
68. Não pagar bilhete. (ex.: transportes públicos, cinema)					
69. Faltar às aulas sem justificação.					
70. Fugir de casa.					

Anexo C – Email trocado com o autor para pedido de autorização do instrumento

Exmo. Prof. Doutor Pedro Pechorro

Sou aluna de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viseu e encontro-me a realizar o projeto final sobre delinquência juvenil e perceção de professores, sob a orientação da Professora Doutora Emília Martins e do Professor Doutor Francisco Mendes.

Gostaria de poder utilizar a versão portuguesa da ASDRS (Escala de Delinquência auto-relatada adaptada para adolescentes), pelo que sou a solicitar a autorização para o efeito.

Grata pela atenção dispensada, disponibilizo-me, desde já, para qualquer esclarecimento adicional entendido por conveniente.

Com os meus melhores cumprimentos,

Joana Ferreira

Anexo C – Cronograma

	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
Definição do tema											
Pesquisa Documental											
Pedido de autorização e respetiva autorização do uso das escalas aos autores											
Definição de objetivos											
Redação do projeto											
Pedido de recolha de dados à escola											
Recolha de dados											
Pedido de prorrogação da data de entrega do projeto											
Entrega do Projeto											
Defesa do Projeto											